



Anfiteatro

ONDE A VERDADE E A MENTIRA SE ENCONTRAM – DIÁLOGOS ENTRE AS TEORIAS SEMIÓTICA E FREIREANA

Natália Silva Giarola de Resende

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – POSLIN / Semiotec / FAPEMIG

nati.giarola@gmail.com

Resumo: Este artigo teórico visa uma interseção entre a leitura realizada pela semiótica discursiva sobre as *fake news* e o pensamento freiriano sobre leitura do mundo e da palavra, com o objetivo de apresentar uma base de proposta a ser trabalhada em sala de aula, com o intuito de desmascarar a mentira ao mesmo tempo que valoriza o contexto do aluno.

Palavras-chave: *Fake News*, Semiótica, Paulo Freire, Leitura Crítica.

1. Introdução

O presente artigo teórico visa traçar uma interseção entre a leitura realizada pela semiótica discursiva sobre as *fake news* (devorante Fns), o pensamento freiriano sobre a leitura do mundo que precede a leitura da palavra e o papel da escola nesse cenário, tendo como objetivo apresentar uma proposta de abordagem de FNs em uma disciplina de Língua Portuguesa, com o intuito de desmascarar a mentira ao mesmo tempo que valoriza o contexto do aluno.

Para alcançar tais propósitos, o trabalho é dividido em três partes. Na primeira, apresentamos o conceito de verdade para a semiótica discursiva (GREIMAS, 2014; BARROS, 2020; 2019) para situarmos nossa concepção de *fake news*. Em um segundo momento, tecemos alguns pontos em comum sobre a abordagem realizada pela semioticista Diana Barros (2020) sobre as FNs e algumas diretrizes elencadas por Freire (2011) para, em um último momento, apresentar uma sugestão de atividade a ser trabalhada em sala de aula.



Anfiteatro

2. A verdade e a mentira sob o viés semiótico discursivo

Podemos dizer que as atuais *fake news*¹ são um dos frutos da pós-verdade, sendo entendidas como desinformação ou uma verdade retirada de contexto e, desse forma, transformada em mentira. Elas são propagadas considerando as crenças e valores do leitor, tendo a internet, como principal meio de circulação. Evidenciamos que diversas linhas de pesquisa buscam compreender e desvelar as *fake news*, assim, a leitura que aqui se seguirá, entende esse fenômeno pela semiótica francesa, mas especificamente pela veridicção.

A verdade, na semiótica, é instituída por uma relação modal entre o ser e o parecer. Segundo Greimas (2014), a sobredeterminação dessas duas modalidades permite a leitura dos textos como verdadeiros, falsos, mentirosos e secretos. Assim, conforme explica o semioticista, os discursos são verdadeiros quando parecem e são; mentirosos, parecem, mas não são; secretos não parecem, mas são; e falsos que não parecem e não são. Logo, as *fake news* são discursos mentirosos, que parecem, mas não são verdadeiros.

O que temos, portanto, é que para que um discurso seja lido como verdadeiro, mesmo sendo mentiroso, o enunciador deve persuadir o enunciatário a interpretar o discurso como verdadeiro. Contudo, esse contrato só é sancionado quando os dois actantes compartilham o mesmo sistema de crenças (crer) e valores.

O crer, assim, sobredetermina o saber; o julgamento da verdade está submetido à crença do enunciatário sobre a verdade do dizer. Toda a leitura mobiliza esse contrato de veridicção, tendo o leitor que julgar as informações e valores transmitidos, sua veracidade e o modo de interpretá-los (como realidade, como ficção, como ironia...). (GOMES, 2019, p. 17)

Diante disso, podemos afirmar que por mais irracional que um discurso possa parecer, como é o caso das *fake news*, se ele estiver em concordância com as crenças do enunciatário será lido como verdadeiro. Em vista disso, os textos de *fake news* são construídos para parecerem verdadeiros, utilizando de persuasivas (manipulação) que visam garantir a confiança (crer) do destinatário.

1 Estamos cientes de que as *fake news* sempre existiram, como, por exemplos no tabloides e nos programas de celebridades. O que muda agora é o meio pelo qual ela se propaga, a internet (SANTAELLA, 2019).



Anfiteatro

3. O papel da escola no desmascaramento das *fake news*

De acordo com Barros (2019, p. 12), para que os alunos interpretem um texto como mentiroso é necessário o desenvolvimento de leitores críticos, sobretudo, em relação aos meios digitais, e, para isso, a escola é fundamental. Nesse sentido, propomos dois caminhos que se interligam para que os professores, sobretudo de Língua Portuguesa, trabalhem com o desmascaramento da mentira em sala de aula.

O primeiro deles são os procedimentos de organização discursiva, textual e o diálogo com outros textos (BARROS, 2020) e o segundo a um dos princípios básicos do pensamento freiriano: a leitura do mundo que precede a leitura da palavra (FREIRE, 2011).

De acordo com Barros (1994, p. 55), “todo discurso procura persuadir seu destinatário de que é verdadeiro (ou falso)” e, para tanto, o enunciador utiliza de recursos discursivos (sintáticos e semânticos) para criar essa ilusão de verdade, tais como a ancoragem actancial, espacial, a delegação de vozes e os processos de instauração de pessoas e tempos no enunciado (debreagem e embreagem). Esses mecanismos discursivos possuem o objetivo de criar uma ilusão de verdade (BARROS, 1994), assim como de transmitir credibilidade e confiança. Contudo, são eles, também, que permitem apontar que a notícia é falsa.

São, portanto, as marcas linguísticas deixadas no texto pelo enunciador que o professor pode utilizar em sala de aula para levar os alunos a desvendar que a notícia é falsa. Como aponta Barros (2020), nos procedimentos de organização discursiva e textual de *fake news* é comum a recorrência de rupturas do texto, de argumentação viciosa, de descompasso entre a legenda e a imagem ou a imposição de leitura a partir da legenda.

Além disso, a autora explica que o dialogismo entre o texto *fake* e outros textos que apresentam a mesma temática permite determinar se os textos dialogam de forma polêmica ou contratual. Deve-se analisar, nesse caso, a intertextualidade; as fontes citadas como argumento de autoridade; verificar se: as citações são verdadeiras; o contexto temporal e/ou espacial corresponde ao do fato enunciado, o texto verbal ou visual de origem sofre alteração ou desvio de contexto; e se a



Anfiteatro construção temática e figurativa formam uma coerência com outros textos da mesma área ou autor (quando não houver anonimato). Essas características apontadas pela semioticista estão no nível semântico do discurso, responsável pela construção socio-ideológica do texto e, que, também, nos permite analisar o contexto, por meio da intertextualidade e interdiscursividade.

Tais posicionamentos nos levam a recorrer à questão freiriana (2011) de que a leitura do mundo que precede a leitura da palavra. O que ocorre nas *fake news* é justamente o contrário, pois a mentira surge antes da leitura do mundo. Segundo Freire (2011), é necessária uma integração entre o texto e o contexto, sendo que o contexto precede o texto. Em outros termos, a capacidade de entendimento do mundo de um sujeito preexiste à capacidade do que é escrito ou lido sobre ele. Logo, a leitura, a interpretação do texto, a alfabetização não dissolve o contexto que começou antes, longe disso, elas o ampliam.

Temos tanto no pensamento freiriano quanto nas categorias pontadas por Barros (2020) para o desmascaramento da notícia falsa um ponto de intersecção, o dialogismo. Freire (2011), assume que a comunicação deve ter sua base no diálogo, em uma relação horizontal e dialética, em que o encontro do homem é mediatizado pelo mundo. Já no âmbito da semiótica, essa leitura do mundo e do contexto ocorre por meio da intertextualidade, do diálogo de texto com outros textos, da recorrência de figuras e temas. Logo, a leitura do texto como um entendimento dialógico permite a construção de ferramentas para o professor auxiliar o aluno a desenvolver um senso crítico e autônomo.

4. Levando a teoria para sala de aula

Diante disso, sugerimos uma base de atividade que interligue essas duas linhas teóricas. O primeiro passo seria o professor trabalhar o conhecimento prévio dos alunos, seu contexto (FREIRE, 2011). Logo, ele poderia passar um questionário perguntando: *O que são fake news? Quais os exemplos de fake news vocês já leram, ouviram ou viram? Por onde vocês recebem as fake news? Onde vocês acreditam que circulem as principais fake news?* A partir das respostas, o professor



Anfiteatro poderia trazer exemplos de FNs que permeiam o contexto dos alunos, como uma forma de valorizar esses saberes prévios, mas, também, de conscientizar e incentivar a iniciativa crítica dos mesmos.

Selecionada a notícia falsa, o docente passaria para uma análise discursiva. Em um trabalho de comparação, seria exposto uma notícia mentirosa e uma verdadeira, com gêneros iguais, como uma notícia jornalística. Com isso, o trabalho voltar-se-ia para evidenciar as incoerências no texto falso, tais como o uso em demasia de adjetivos e advérbios, que causam desvios a objetividade da redação do gênero notícia. Outras alternativas é tentar identificar rupturas de ideias no texto; figuras retóricas, como a hipérbole; os vícios de argumentação, tal qual a conclusão impossível e a generalização indevida; a incoerência entre o texto verbal e o texto visual ou auditivo.

É importante que o professor evidencie ao aluno que os textos mentirosos são escritos para parecerem verdadeiros e por isso utilizam de recursos que levem o enunciatário e o lê-lo como tal, principalmente, quando este compartilhar dos mesmos valores e crenças do enunciador. Acreditamos que tal informação permitirá ao estudante compreender e justificar as proliferações das *fake news*. Nesse momento, o educador pode adentrar na temática da internet e descrever como elas se tornam um campo fértil para a divulgação de FNs, devido, sobretudo a características da web como: o anonimato, a interatividade, o compartilhamento intenso e a constante troca entre enunciador e enunciatário.

5. Considerações finais

No cenário da pós-modernidade, uma leitura do mundo acrítico, fundamentada na emoção e com uma alta circularidade de informações, principalmente, devido à internet, cria o desafio de formar leitores críticos para desmarcar as *fake news* e se desviar de uma leitura baseada no sensível, isso é, nas crenças e valores. Defronte ao que foi exposto ao longo do artigo, vimos que a escola tem um papel essencial nessa conjuntura, por isso, nosso objetivo foi proporcionar uma interseção entre duas teorias, a semiótica discursiva, o



Anfiteatro pensamento freiriano sobre a leitura do mundo que precede a leitura da palavra, com a finalidade de apontar caminhos para que o professor possa trabalhar com essa questão em sala de aula e levar a um desmascaramento da mentira, permite o desenvolvimento de um leitor participativo, questionador, consciente e sobretudo crítico.

Finalizamos, considerando que as duas teorias apresentadas são prolíferas para investigar os fenômenos do mundo atual, assim como propiciar ao professor uma alternativa para ajudar a desenvolver a leitura crítica dos alunos sobre as *fake news*, por meio de uma junção dialógica da leitura do mundo e das categorias discursivas-textuais da semiótica. Ressaltamos, que o professor deve ir além dessa base de proposta, incorporando outros aspectos, pois acreditamos que essas atividades são apenas o começo de uma longa caminhada contra a mentira.

REFERÊNCIAS

BARROS, D. L. P. de. (2019). Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola. **Estudos Semióticos**, 15(2), 1-14.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *As fake news e as “anomalias”*. **Verbum**, São Paulo, v. 2, n. 9, p. 26-41, set. 2020.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Editora Ática

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GOMES, R. S. (2019). **Crise de veridicção e interpretação: contribuições da Semiótica**. *Estudos Semióticos*, 15(2), 15-30.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido II – Ensaio semiótico**. São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.

SANTAELLA, Lucia. **A pós verdade é verdadeira ou falsa**. Barri, São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2019.